

CINEMA E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E DIDÁTICAS

Maria Aparecida Marinho Ramos
Graduanda em Pedagogia UFPI-CSHNB
Bolsista de Iniciação Científica - PIBIC
Rosiane Dias de Araújo
Graduanda em Pedagogia UFPI-CSHNB
Ana Carmita Bezerra de Souza
Professora Adjunta da UFPI/CSHNB
Curso de Pedagogia.

RESUMO:

Neste artigo faremos uma reflexão sobre o caráter educativo do cinema, bem como o seu potencial como objeto de estudo na pesquisa educacional e no uso pedagógico, tendo em vista peculiaridades culturais da sociedade contemporânea. É uma reflexão que esta atrelada a um levantamento bibliográfico de uma pesquisa do tipo etnográfica que está em andamento em escolas da cidade de Picos, que tem como objetivo analisar o uso didático do cinema em salas de aula. Os fundamentos teóricos se baseiam nos estudos de Duarte e Setton sobre cinema e educação. Esta pesquisa vem esclarecer a importância formativa da cultura contemporânea, bem como a relação que escola vem mantendo com os conteúdos da mídia do currículo vivido.

Palavras- Chaves: Cinema. Mídia. Educação

1-Introdução

Neste artigo faremos uma reflexão sobre o caráter educativo do cinema, bem como o seu potencial como objeto de estudo na pesquisa educacional e em seu uso pedagógico, tendo em vista peculiaridades culturais da sociedade contemporânea, além de fazer uma abordagem reflexiva sobre a história do cinema enfatizando o poder da mídia na formação das pessoas.

Vem sendo de grande relevância o estudo do cinema inserido no meio educacional, pois, este pode e vem sendo usado como recurso didático em sala de aula, despertando um novo interesse de pesquisadores sobre esses os novos artefatos pedagógicos que estão disponíveis em casa e na escola fazendo parte formação de identidade de crianças, jovens e adultos que vivenciam o advento das novas tecnologias e da cultura midiática.

A partir do século XX, com o desenvolvimento das tecnologias, vem surgindo uma infinidade de meios de comunicação, e nesse meio os filmes ganham destaque com os seus mais variados gêneros. Este é um exemplo de conteúdos culturais oferecidos pela a mídia que está atrelado ao mundo contemporâneo.

Segundo Duarte, et.al (2004) há pelo menos 30 anos pesquisadores de diferentes áreas da educação, vem buscando entender de que maneira as imagens de cinema e televisão

participam da tessitura da concepção de mundos, de valores e crenças professados pelos que com elas interagem de forma mais ou menos intensa.

Embora o cinema ainda não seja reconhecido pelos meios educacionais como fonte de conhecimento, estes já estão imerso no meio escolar há algum tempo, normalmente trazido por professores em suas atividades pedagógicas normalmente amarradas a alguma temática ou conteúdo. Mas, é fato que o consumo de filmes em casa ou na escola faz parte da formação cultural de cada indivíduo.

Este artigo se apresenta em três partes: a primeira faz uma abordagem sobre a sétima arte e fragmentos históricos, dando sequencia faço uma reflexa sobre cinema como objeto de estudo em pesquisas educacionais explicitando algumas facetas da relação que a escola mantém com o cinema, pela ótica de Duarte (2010) e Almeida (1994).

2- A sétima arte fragmentos históricos

A história do cinema se comparada às outras artes é recente. O primeiro centenário se completou em 1995. Este surge com a invenção da fotografia no século XIX, quando os irmãos Lumière, conseguiram projetar imagens ampliadas numa tela, graças ao cinematógrafo, invento equipado com um mecanismo de arrasto para a película. A primeira exibição pública de cinema ocorreu em 28 de dezembro de 1895 no *Grand Café do Boulevard des Capucines*, em Paris, com um público de 33 pessoas. Entre os presentes estava Georges Méliès que logo em seguida se tornaria uma das pessoas mais importantes na história do cinema. Naquela data os presentes viram pela primeira vez filmes como *La Sortie des ouvriers de l'usine Lumière* (A saída dos operários da fábrica Lumière) e *L'Arrivée d'un train en gare* (Chegada de um trem à estação), que contava breves histórias da vida cotidiana das vilas francesas.

Georges Méliès foi o criador do espetáculo cinematográfico, e o primeiro a encaminhar o novo invento no rumo da fantasia, transformando a fotografia animada, que era um divertimento, em meio de expressão artística. Ele ousou naquela época, criando assim cenário e efeitos especiais em todos os seus filmes, até em cinejornais, que reconstituíam eventos importantes com maquetes e truques ópticos. Das obras que Méliès deixou a que marcou a época foi *Voyage dans la Lune* (1902) Viagem à Lua, filme de 13 minutos que conta uma fantástica e desastrosa viagem à lua. O filme foi um grande sucesso na França e, por isso, ele ficou conhecido no mundo inteiro.

Como afirma Ferraresi (2000) os precursores do cinema como obra de arte “estavam mais interessados no estágio da síntese efetuada pelo projetor, pois era somente aí que se podia criar uma nova modalidade de espetáculo, capaz de penetrar fundo na alma do espectador, mexer com os seus fantasmas e interpretá-lo como "sujeito".” Até esta invenção, usada por Méliès, os vídeos eram curtos, desde então o cinema começa a obter características de filme e as imagens começam a ser projetadas mais reais, chamando cada vez mais a atenção do público.

Já por volta de 1910 nos Estados Unidos, D.W. Griffith dá novo significado a linguagem cinematográfica. De acordo com Bernadet (2000, apud DUARTE, 2002), com os filmes *Nascimento de Uma Nação* (1915) e *Intolerância* (1916), Griffith marcou o início da maturidade linguística do cinema, sistematizando as mudanças que eles e outros vinham, intuitivamente, tentando produzir. A partir desses filmes, o cinema ganhou uma nova roupagem, passando a ter cenas filmadas, editadas, e em seguida projetadas em movimentos subsequentes no cinematografo.

No contexto norte-americano a produção cinematográfica cresce e ganha força ao longo de todo século XX, surgindo novos modelos de fazer cinema, diferente da invenção na Europa. A partir de então os Estados Unidos se tornariam uma referencia na industria cinematográfica. Tornam-se especialistas em narrativas de fácil compreensão de forma linear (com começo, meio e fim), quase sempre com final feliz. Famoso *happy end*, característica do cinema produzido em *Hollywood*, apoiados em recursos técnicos cada vez mais sofisticados e distribuídos em escala industrial, ajudaram a configurar, mundialmente, padrões de gostos e preferências muito difíceis de ser quebrados. Perseguições fantásticas, explosões, carros em alta velocidade, vidros que se quebram, efeitos especiais e mulheres viriam a se tornar ingredientes fundamentais para atrair o grande público. (DUARTE, 2002)

Porém, o cinema americano não é somente de grandes produções milionárias, também é marcado por obras que mudaram a história do cinema como: *O circo* (1928, Charles Chaplin), *Luzes da Ribalta* (1931, Charles Chaplin), *Tempos modernos* (1936, Charles Chaplin), *Rastros de ódio* (1956, John Ford), *Rio Vermelho* (1948, Haward Howks), *Janela Indiscreta* (1954, Alfred Hitchcock), *Psicose* (1960, Alfred Hitchcock), *Cidadão Kane* (1941, Orson Welles), *Taxi Driver* (1976, Martin Scorsese), *Laranja mecânica* (1971, Stanley Kubrick), *2001, uma odisseia no espaço* (1968, Stanley Kubrick), dentre outros, tornando o divisor de água da história do cinema mundial.

O século XX foi um momento privilegiado para o desenvolvimento da sétima arte. A partir de então as produções de cinemas, a nível mundial não pararam de crescer. Surgem

gêneros, tais como os *westerns*, suspense, romance, épicos, históricos, ação e aventura, infantis, desenhos animados.

No Brasil não foi diferente, como Duarte (2002) discorre:

O Brasil conheceu o cinematógrafo em 1896 e em 1898 já dava os primeiros passos no sentido de ter sua própria cinematografia. Entre 1908 e 1911, um grande número de curtas-metragens de atualidades, de vistas e paisagens e de longas-metragens de ficção foi realizado no país. Revistas musicais, dramas e, sobretudo, reconstituições de crimes famosos atraíram a atenção do público que lotava as salas de exibição do Rio de Janeiro. (p.32)

Aqui, o desenvolvimento da indústria cinematográfica já se iniciou com produções de vários curtas e longas-metragens com temáticas da vida cotidiana, que conseqüentemente chamaram a atenção do público para as apresentações destes, em salas de exibição. Porém as influências estrangeiras começaram a chegar no Brasil com a importação das grandes produções cinematográficas, passando a prejudicar o cinema brasileiro, que chegou à sua decadência e somente na década de 1920 é que se reergue.

Já, nos anos 40 o cinema brasileiro, assim como nos EUA, também teve iniciativas de industrialização. A ideia de fazer cinema com altos padrões, tal como eram feitos “nos grandes centros produtores, levou à fundação da Companhia Atlântida, que, em associação com a cadeia de exibição de Luiz Severiano Ribeiro, levaria às telas um número significativo de filmes, sobretudo chanchadas” (DUARTE, 2002, p.34). Nessas produções se destacaram atores como Dercy Gonçalves, Grande Otelo, Oscarito, Zé trindade. Nesse contexto, o cinema brasileiro obteve grandes resultados em qualidades técnicas e na formação de profissionais de cinema, porém o retorno comercial era desanimador.

3. Cinema como objeto de pesquisas educacionais

Nos últimos anos muitos estudos têm sido realizados em busca de entender a relação entre espectadores e filmes, entre cinema e cultura, entre indústria e consumo cultural. A discussão continua entre teóricos contemporâneos sobre o verdadeiro valor cultural do cinema, e estes vem se preocupando em responder qual o papel desempenhado pelo mesmo nas sociedades. Nessa busca, tem se constatado que as influencias dos filmes não se limitam apenas ao espetáculo do entretenimento, em meio a esse debate, o cinema surge como objeto de estudo no meio educacional, sendo considerado como um amplo espaço de estudos, análise e pesquisas.

Duarte (2002) chama atenção, pra grande potencialidade de filmes como objeto de estudos em educação. Para ela ainda são modéstias as publicações na área, mas é fato, que cada vez mais educadores tem se interessado pela linguagem cinematográfica; e os filmes vêm sendo reconhecidos como fontes de investigação de problemas de interesses do meio educacional.

Nesta discussão a referida autora defende que o cinema ainda precisa ser enfatizado no espaço educacional como obra de arte, como conteúdos a ser tratado em sala de aula, como um instrumento didático, uma vez que possui um potencial pedagógico valioso para ensinar a respeito de valores e crenças de diferentes sociedades que se integram nessa complexa aldeia global contemporânea.

Para Metz (1980, apud Duarte 2002), o cinema é um fato social total e, como tal não se presta a nenhum estudo científico mais rigoroso. Segundo ele ao falar de cinema estamos diante de uma grande estrutura multidimensional, que engloba todo um estudo de fatos que antecedem o filme, por dentro e por fora do mesmo: infraestrutura da produção, a seleção de equipes técnicas e de atores, tecnologias de aparelhos, estúdios, biografias de cineastas, contextos socioculturais, filmagem, montagem, lançamento, reação de espectadores, críticas e etc.

Ou seja, o texto filmico é um texto pré-elaborado de uma linguagem cinematográfica, pela agregação de diversos elementos: imagens em movimento, som musical, ruídos (sonoplastia) sons da fala e escrita. Isso faz do filme resultado de uma produção e de um conjunto de significações que podem ser compreendidas de diversas maneiras.

Do ponto de vista de Duarte (2002), os filmes como objeto de estudo é bem mais delimitado do que o cinema em si. Ele pode ser compreendido e analisado como texto, dessa forma pode se dividir e ser visto por diferentes anglos, pois é feito a partir de critérios previamente estabelecidos e esclarecidos, de acordo com os objetivos que se quer atingir.

Faz algum tempo que a escola e seus responsáveis vêm perdendo espaço como único agente de formação intelectual dos sujeitos da atualidade. Estes já chegam à escola tendo um contato anterior com a linguagem audiovisual. Ou seja, estamos lidando com uma nova geração que precocemente já se socializou com a cultura midiática, antes da linguagem escrita. E nós enquanto educando necessitamos de um domínio dessas novas linguagens da mídia para podermos criar estratégias de ensino mais eficazes para esses novos sujeitos.

O que, nem de longe se trata de tornar-nos alheios aos produtos da mídia, mas sim desenvolver, estratégias pedagógicas em espaços escolares via meios de comunicação de

massa, afim de que se discutam esses conteúdos da mídia na escola, como sugere (SETTON, 2004, p.67)

Isso seria possível a meu ver, trazendo a mídia para dentro dos muros escolares, para dentro das salas de aulas. Não tal como ela se apresenta, como entretenimento o que seria possível: mas como material didático, como fonte de informação, como registro de uma época e história, bem como, em muitos momentos, servindo como instrumento ideológico que ajuda na construção das identidades individuais e coletivas.

Faz-se necessário levar recursos da mídia como material didático para a sala de aula, pois é uma maneira de aproximar a linguagem informal da mídia com a linguagem formal da escola, enfatizando assim que só é válido a partir de uma perspectiva crítico reflexiva. Entretanto, os conteúdos da mídia não devem ser utilizados de maneira aleatória, como nos espaços não escolares.

Setton, (2004) enfatiza que a linguagem midiática (som, imagem, narrativas, gêneros ficcionais, etc.) nos transmite diversos saberes via conteúdos carregados de sentidos, juízos de valores, que servem como importantes agentes socializadores. Ora servindo como fonte de informação e referencias de comportamentos, ora cumprindo o papel de instrumento ideológico, constatando que a mídia oferece um amplo espectro de discussão.

5. Cinema na escola

O cinema vem se relacionando com a escola há bastante tempo, embora este não seja reconhecido como meio de formação humana. O mesmo fala da escola desde o fim da Segunda Guerra, de uma forma idealizada e bastante crítica em filmes que trazem para as telonas os problemas enfrentados na escola. Em suas narrativas prevalece o espírito missionário e a dedicação quase sacerdotal da figura do professor. Grande parte destas produções retrata de uma maneira romântica e conservadora a vida na escola. O cinema está para a escola e a escola está para o cinema como meios de aprendizagem. (DUARTE, 2002) Entretanto existem muitas críticas da escola com relação à baixa qualidade de alguns filmes pela veiculação de imagens violentas. Mas como o acesso a esse tipo de narrativa cinematográfica não é de controle da escola, alunos tem acesso livre em casa a qualquer lugar sem nenhuma restrição.

O cinema está no universo escolar, seja porque ver filmes (na telona ou na telinha) é uma prática usual em quase todas as camadas sociais da sociedade, seja porque se ampliou, nos meios educacionais, reconhecimento de que, em

ambientes urbanos, o cinema desempenha um papel importante na formação cultural das pessoas. (DUARTE, 2002, p.86)

De acordo com relatos da autora ver filmes é uma prática de todas as camadas sociais seja porque se ampliou as atividades de exibição de filmes. Através de iniciativas de professores e associações e instituições governamentais e não governamentais que vem promovendo a exibição de filmes e discussão para alunos e professores ajudando a construir uma cultura de valorização do cinema nas instituições de ensino tendo em vista o seu papel fundamental na formação cultural das pessoas.

Almeida (1994), diz que o cinema é uma produção cultural e não da pedagogia ou da didática, pois ao produzir um filme não se pergunta se o espectador está preparado mentalmente ou intelectualmente. O filme é produzido dentro de um projeto artístico cultural de mercado, feito para ser consumido dentro da liberdade maior ou menor consumo.

O cinema quando aplicado na escola como recurso didático começa os questionamentos:

É: “adequado para que série, que disciplina, que idade etc,?” Às vezes ouvimos dizer que um filme “não pode ser passado para a 6ª série”, por exemplo, e no entanto ele é assistido em casa pelo o alunos com os pais. (ALMEIDA, 1994, p.7)

O mesmo acontece com todas as inovações que surgem na sociedade, como novas tecnologias, novas teorias que vão surgindo ao longo dos anos.

Ao leva-lo para a escola deve haver toda uma preocupação quanto à temática associada ao filme à faixa etária se é adequada àquela determinada série, uma vez que em casa todos esses conteúdos são visto sem nenhuma restrição.

A despeito das diferentes convicções dos autores supracitados é ponto comum entre pesquisadores da área, que cinema e educação ambos andam juntos e se complementam. Assim sendo se faz necessário que a escola passe a utilizar mais o cinema como recurso didático, não apenas como mais um, mais sim como um produto cultural.

6. Reflexões Finais:

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo do tipo etnográfico em educação. Assim sendo, a ação metodológica ocorrerá através de visitas a escolas públicas da zona urbana do Município de Picos – PI e entrevistas semiestruturadas com professores, que o usam o cinema em suas práticas pedagógicas.

No entanto esta pesquisa ainda está em andamento, à mesma buscará entender e analisar o uso do cinema nas praticas pedagógicas de professores da rede pública de Picos - PI. Identificando quais as intencionalidades pedagógicas do uso do cinema em sala de aula. Conhecer os conteúdos cinematográficos que são usados com maior frequência como recurso didático. As perguntas que guiaram a pesquisa foram: Quais intencionalidades pedagógicas estão sendo cumpridas com o uso pedagógico do cinema na escola? Como está acontecendo o uso do cinema em sala de aula?Que conteúdos cinematográficos estão sendo utilizados e qual o critério de escolha destes?

7. Referências bibliográficas:

- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e Sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 32).
- DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DUARTE, Rosália. et. al. Produção de sentido e construção de valores na experiência com o cinema.In.: SETTON, Maria da Graça Jacintho, Org. **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume: Usp, 2004. p.37- 52.
- FERRARESI, Carla Miucci. **História do Cinema: Um breve olha**. 2000. Disponível em <<http://www.mnemocine.com.br/cinema/historiatextos/carla2int.htm>> Acessado no dia 13 de maio.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. Cinema: instrumento reflexivo e pedagógico. In.: SETTON, Maria da Graça Jacintho, Org. **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume: Usp, 2004. p.67-79.